



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

GT 3: QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DA CIDADANIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

COMPREENDENDO A HISTÓRIA DA INFÂNCIA COMO FATOR DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE

Giselle Priscila Scheidt Martins Gartner (UNICENTRO); Email: gisellepsm@yahoo.com.br
Larissa Danguy Karam (UNICENTRO); Email: LarissaDanguy@sescpr.com
Ana Lurdes Charnoski (UNICENTRO); Email: analurdes83@yahoo.com.br
Prícila Sikora (UNICENTRO); Email: pricilasikora@hotmail.com

TEMÁTICA: QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DA CIDADANIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal historicizar a infância e a sua importância na construção da sociedade como um todo, a partir da compreensão desta pelo olhar de diferentes autores que possam corroborar e/ou discordar das ideias apresentadas pelo historiador francês Philippe Ariès, que tanto contribuiu para o conhecimento deste período da vida humana. Nesta pesquisa bibliográfica foram utilizados livros e artigos científicos, os quais abordavam o tema infância e sociedade, tanto no contexto da idade média, como no atual. A partir disso identificam-se os resultados iniciais, os quais apresentam lacunas na compreensão do desenvolvimento não linear da sociedade em geral, refletindo na percepção do que é a criança, nem sempre vendo esta como um ser social, particular e capaz de modificar o meio em que está inserida. Quanto ao assunto em questão também são encontrados demasiados trabalhos científicos, porém são insuficientes os que tenham como objetivo interligar a realidade histórica com a atual de maneira crítica, servindo de base para as discussões e, como consequência, ter a compreensão da realidade vivenciada e que isto possa acontecer de forma ampla e capaz de proporcionar condições de mudanças necessárias na comunidade.

Palavras chave: Infância; Historicidade; Philippe Ariès; Atualidade;

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa ainda em andamento, surgiu diante das inquietações sobre a temática envolvida a partir de estudos teóricos que permeiam uma diferente percepção de infância - constituída por várias especificidades que a difere da fase adulta - e propicia compreender que isto é resultado de algo que foi sendo construído ao longo da história e assim perceber e aceitar seu importante papel para a sociedade em geral.

A historicidade da infância provém de diferentes tendências sociais, sendo a criança sempre parte da sociedade, adotando diferentes papéis que lhes foram impostos. Segundo Kramer, as crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas pelas contradições das sociedades em que estão inseridas construindo então no



decorrer do tempo, um conceito amplo, que faz dessa classe um objeto de estudo para diferentes áreas do saber.

Os marcos que permeiam as décadas da infância vem acompanhados primeiramente de ausência de preservação da classe, seguidos de paparicação, moralização e educação da mesma. Essa noção de infância reflete as relações com os adultos, com a cultura, com a sociedade e com as demais crianças, comumente norteadas por conceitos adultocêntricos e estudos iconográficos. Sabe-se que essa noção “[...] surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na sua comunidade”. (BRASIL, 2006, p.14).

Para Veiga (2004) a modernidade simboliza um fenômeno histórico importante para a elaboração da percepção, na medida em que insere na vida social possibilidades de mudança e de desconstrução dos costumes, fazendo aparecer, desse modo, um novo pensar sobre a criança.

Em vista disso, tem-se por objetivo revelar e reconhecer a importância de se levar em consideração as pesquisas de diferentes estudiosos, para assim buscar maior conhecimento e conseqüentemente discussões sobre o tema em questão. Este estudo é de cunho qualitativo e classifica-se como exploratória, já que apresenta a intenção de promover maior familiaridade com o assunto estudado e aprimorar o entendimento sobre os conceitos e as idéias de diferentes autores sobre um assunto em comum. Quanto aos procedimentos técnicos esta pesquisa apresenta-se como bibliográfica, visto que é elaborada a partir de fontes bibliográficas, prevalecendo o uso de materiais como livros e artigos científicos (GIL, 2002).

2. A CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A constituição da infância faz parte do processo de civilização da comunidade moderna, sendo assim é de suma importância a discussão sobre como esse processo se fez e continua se fazendo na atualidade. Como aponta Mello(2007,p.84) “Muito se tem discutido sobre o fato de que a infância é uma construção histórica e social” (ARIÈS, 1978; VYGOTSKY, 1995; LEONTIEV, 1988), e para isso é fundamental conhecer os principais trabalhos e pesquisadores, bem como os diversos fragmentos que norteiam o processo histórico.

Philippe Ariès, em 1960, iniciou o campo de investigação historiográfica da infância, representando um marco fundamental, sobretudo pelo olhar transdisciplinar que se fez pelos diversos aspectos sociais, biológicos e culturais da época explicitados em seu livro *História Social da Criança e da Família*. Uma crítica de Kuhlmann (1998) aos trabalhos deste, refere-se ao fato da utilização somente de obras que retratavam famílias ricas e européias, já que eram essas que tinham imagens registradas em quadros e retratos, sendo assim ele afirma que estes fatos deveriam usar fontes ou enfoques mais inovadores. Contraponto este fato, Cambi e Ulinieri (1988, *apud* KHULMANN, 1998) colocam o quanto importante é o entrelaçamento de diferentes vertentes para se compreender o todo. Atualmente, Galvão e Neves (2016) afirmam que existe um cruzamento entre diversas áreas do conhecimento, como história, pedagogia e antropologia que ampliam esse olhar sobre a infância no passar dos tempos e de sua relação entre as sociedades.



Os estudos feitos sobre esse período da vida humana, a infância, se dão de maneira adultocêntrica, ou seja, pelas visões e vozes de adultos, e desta maneira percebe-se mais uma vez a descontinuidade e instabilidade da concepção de criança na sociedade, que segundo Lira (2015) ainda é compreendida erroneamente como um ser universal, estável, unificado e homogêneo.

Ariés apresenta que primeiramente a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade (ARIÉS, 2015, p. 10), “(...) algo que deveria ser esquecido e deixado de lado por sua insignificância, já que a morte prematura era algo corriqueiro”. Neste contexto, Lima(2009) aponta que também atualmente as crianças estão sendo negligenciadas quando se fala em sua forma natural de ser, pois estas estão sendo vistas cada vez mais como um consumidor em potencial e não como um ser humano com suas especificidades e necessidades particulares.

Desta maneira, a história da infância contada pelo autor francês Ariès, destaca que as crianças eram vistas primitivamente como adultos em miniatura, desde sua forma de vestir-se, como em sua participação em festas, danças e espaços públicos, sem o mínimo de pudor, falavam vulgaridades, e sua participação em jogos sexuais era também comum. Isto acontecia, pois não afirmava ainda a possibilidade da existência de uma “inocência”.

Séculos depois, validando este fato, Postman (2012) percebe o acesso à informação atual e conhecimento do mundo adulto, por parte das crianças, como uma indissociação entre os dois mundos e antecipação a vida adulta, retratando as aspirações escolares e a entrada para o mercado de trabalho precocemente, como exemplos corriqueiros dessas práticas.

Através da imposição religiosa iniciou-se por volta do século XVII a imposição da visão de criança mística, onde esta era comparada a anjos, os quais eram puros e inocentes, comparados a “telas em branco”, que deveriam ser direcionadas de acordo com a vontade e necessidade dos adultos, e isso passa a ser demonstrado em imagens e pregações religiosas, para que assim pudessem causar consternação, ternura nas pessoas e aos poucos as mudanças chegassem no meio familiar, onde então a responsabilidade por seus cuidados fosse compreendida como verdade única e insubstituível.

Assim, cuidar da educação e saúde das crianças seria um trabalho realizado exclusivamente pelas mulheres, criando uma nova idéia sobre a manutenção da vida infantil, e assim, as condições de higiene foram sendo melhoradas e a preocupação, hora criada como dever dos pais, fez com estes não mais aceitassem perdê-las sem motivos aparentes.

A partir deste momento, a própria família começa a educar seus filhos, responsabilidade anteriormente designada, por famílias ricas, a outras pessoas. E um novo sentimento de infância aparece, onde a paparicação e o apego tomam conta das relações, muitas vezes tratando a criança como se fosse um “bichinho de estimação”. A esse respeito, Ariés (2015) cita:

....ela fala de um modo engraçado: e titota, tetita y totata.... e(..) .eu a amo muito. (...) ela faz cem pequenas coisinhas: faz carinhos, bate, faz o sinal da cruz, pede desculpas, faz reverência, beija a mão, sacode os ombros, dança,



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

agrada, segura o queixo: enfim, ela é bonita em tudo o que faz. Distraio-me com ela horas a fio.....

Em meio a todas essas modificações na sociedade da época, vale ressaltar que as crianças eram preparadas para exercerem suas funções dentro da sociedade desde cedo, a partir do contato com os mais experientes. Sendo assim, brinquedos e brincadeiras infantis não faziam parte de sua realidade, e nesta perspectiva nota-se que os mais abastados eram preparados para uma vida de luxo e riqueza, para detenção do poder e os mais pobres direcionados para servir e obedecer, sendo como exemplo trabalhos braçais (ARIÈS, 2015).

O texto de Assis (2007) corrobora com as afirmações anteriores de Ariès, quando refere-se a sociedade atual, apresentando o fato de que as práticas sociais vigentes de trabalho infantil das camadas mais pobres, além da erotização e consumo precoce e desenfreado são indicativos de um direcionamento rápido e direto do fim da infância e a inserção sem precedentes na vida adulta, onde o único objetivo é ser capaz de servir as ideologias existentes.

A família nuclear, gerada dentro dos padrões da cúria era caracterizada como conservadora, símbolo da continuidade patriarcal que marca a relação pai, mãe e criança, que necessitava de “moralização” e doutrinas que os tornassem aptos a herdarem o poder parental.

A igreja e seus representantes eram incumbidos de inserir os preceitos religiosos nas crianças após completarem 7 anos de idade e assim estariam prontos para assumirem suas posições no meio social e realizarem as atividades para as quais foram educados, sem contestação. Apesar da mudança do contexto familiar atual e do apego gerado e também imposto pelo amor materno e paterno em relação aos filhos, sentimentos os quais Philippe Ariès menciona não “existir” em suas análises na idade média, já que os índices de infanticídios eram alarmantes, ainda hoje observa-se o acúmulo de expectativas oriundas dos pais e da sociedade, que continuam não compreendendo individualidades e diferenças de aptidões presentes nos infantes. Dessa maneira as crianças continuam sendo cobradas e desejadas como “perfeitas” pela ótica dos adultos, pois foi dentro desse contexto moral que a educação foi inspirada, através do posicionamento de moralistas e educadores que tanto na época, como hoje tem dificuldades em aceitar as particularidades, dificultando a inclusão e aceitação das diferenças de um modo geral.

Corsaro (2003) afirma em sua obra, que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. No contexto atual, pode-se perceber uma pedagogia assentada em expectativas e condutas. Condutas rotineiras e sequencias, que cumprem calendários e horários, seguidas de expectativas estonteantes.

Diante desse contexto, ainda são necessárias incansáveis discussões sobre a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós, promovendo a inclusão, a qual deve acolher todas as pessoas, sem exceção, conforme coloca Mantoan (2005). Sendo assim percebe-se ainda a necessidade de discussão contínua deste tema, já que ele se faz presente nas dificuldades de relações sociais encontradas pela sociedade em se estabelecer como um ser em constante evolução, mas sem deixar



de lado seu passado, o qual serve de base para confirmar suas atitudes e realidades existentes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises preliminares realizadas a partir das bibliografias investigadas, percebe-se inevitavelmente a necessidade de mais pesquisas realizadas na área estudada tendo um enfoque crítico, capaz de expressar suas reais insuficiências e potencialidades.

Já é bastante conhecida a discussão acerca das particularidades da infância, e com a evolução nas relações sociais que se estabelecem na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel importante na realidade das famílias e da sociedade. Foi esta atual percepção e organização social que fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem consolidados. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da sua comunidade, e a família tem grande preocupação e responsabilidade com sua saúde e sua formação. Tais elementos são fatores importantíssimos para a evolução de toda relação social e também, na maneira como pensa-se hoje, tendo como base a construção de sociedade desenvolvida nos últimos 200 anos da história.

Enfim, nesse contexto todo, conclui-se que reconhecer cada criança como única e cada espaço social que ela ocupa, considerando suas particularidades é importante para a compreensão de suas necessidades específicas, sendo este o maior desafio desta pesquisa. Desta forma podem-se propiciar oportunidades e favorecer a modificação da vida infantil levando em consideração que esta é um ser social capaz de modificar o meio em que vive, revelando suas opiniões e verdades vivenciadas em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

ASSIS, R. **As crianças e seu (des)lugar nas culturas contemporâneas**. Pátio: Educação Infantil, [sem Local], ano 5., n.15, p.33-35, nov 2007- fev 2008.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Política Nacionais de Educação Infantil. Brasília, 2006.

CORSARO, W. **Weíre friends, right?: inside kidís cultures**. Washington, DC: Joseph Henry, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2002.

KRAMER, S. **Política do Pré-escolar no Brasil : a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992. KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

LIMA, F. C.; GOMES, C. F. **A criança, o brincar e a educação infantil: um encontro com encanto.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE, 2009, Curitiba. **Anais.**Curitiba: Pucpr, 2009. p.3297 - 3309.

LIRA, A. C. M.; NASCIMENTO, E. C. M. **Infância e Cultura.** 1ª Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. MANTOAN, M. T. E. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.** In Nova Escola, 2005.

MELLO, S. A. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico- cultural.**Perspectiva ,Florianópolis, v. 25, n. 1, p.83-104, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 10 jul.2017.

NEVES, S. A; GALVÃO, A. M. O. **Representações da infância em memórias e autobiografias - minas gerais (1900-1960).** História da Educação, Santa Maria, v. 20, n. 48, p.259-280, jan. 2016. **II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas 22 a 24 de novembro de 2017.**

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo.Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

VEIGA, C. G.**Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos.** In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.